

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/281442760>

Suspensão de aulas de educação física como forma de punição: a percepção discente

Article · January 2015

READS

39

3 authors, including:



[Jairo Antônio da Paixão](#)

Universidade Federal de Viçosa (UFV)

43 PUBLICATIONS 9 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



[Emerson Cruz de Oliveira](#)

Universidade Federal de Ouro Preto

16 PUBLICATIONS 20 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

SUSPENSÃO DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO FORMA DE PUNIÇÃO: A PERCEPÇÃO DISCENTE

Eliana de Jesus de Paula

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

Jairo Antônio Paixão

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

Emerson Cruz Oliveira

Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

Resumo: O estudo analisou a percepção de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental que vivenciaram situações de suspensão da Educação Física em decorrência de atitude indisciplinar nas aulas de outros componentes curriculares. A partir de uma investigação de campo, descritiva e de cunho qualitativo, verificou-se que os alunos demonstram desconhecimento sobre a importância da Educação Física na sua formação. Dentre os motivos apontados pelos alunos como comportamento indisciplinar, destacaram-se “fazer bagunça”, “não fazer dever”, “esquecer os livros em casa”, e “bater no colega”. A estratégia de suspensão das aulas de Educação Física como punição se mostrou ineficaz, haja vista a grande reincidência tanto dos alunos quanto dos atos infracionais cometidos.

Palavras-chave: Indisciplina Escolar. Suspensão de Aulas. Educação Física.

Introdução

A primeira década do século XXI circunscreve um panorama geral da educação que, mediatizada por processos de informatização, globalização e movimentos sociais, resulta, por um lado, expressivos avanços e, por outro, a predominância de determinadas questões que parecem resistir às intempéries do tempo. Tendo a escola como locus em que se efetiva a educação formal, a indisciplina desponta como um fenômeno que, como aponta Brito (2012), vem merecendo a atenção por parte de estudiosos, como registrada desde o século XVII por Jan Amos Comenius e Émile Durkheim em textos relacionados à área educacional.

Uma abordagem sobre esta problemática demanda, previamente, uma revisita, ainda que parcialmente, às diferentes formulações teóricas e das conceituações advindas de estudos que tematizam a escola. Consoante isso, La Taille (2012, p. 60) define indisciplina “[...] como toda ação moral executada pelo sujeito e que está em desacordo com as leis impostas ou construídas coletivamente, tendo o indisciplinado consciência ou não deste processo de elaboração”. Dito de outra maneira, o entendimento do significado de ‘indisciplina escolar’ passa, necessariamente, pela ruptura da autoridade que se estabelece entre diretores, professores, família e alunos. É um problema altamente prejudicial à execução do planejamento docente, pois, geralmente, se perde um tempo considerável em tentativas visando restabelecer a ordem entre os discentes.

Em algumas situações, a indisciplina apresenta-se como o principal motivo de reclamações dos professores, mais do que falta de recursos, materiais e equipamentos (BRITO, 2012). Ocorrências de indisciplina podem estar ligadas à expressão cultural do indivíduo e à sua personalidade. Segundo Gross (2012), a personalidade do aluno nos dias de hoje pode ser diferente daquela imagem que o professor espera, e isso pode ser confundido com um problema de comportamento.

Comumente, a indisciplina caracteriza-se pelas conversas paralelas, falta de atenção, uso de bonés na sala de aula, não desenvolvimento de tarefas solicitadas pelo professor, não uso de uniforme, saídas não autorizadas da sala, bagunça e destruição do patrimônio escolar (LIMA, 2009). Nessa perspectiva, faz-se necessário ressaltar diferenciações na forma de perceber a indisciplina por parte de alunos e de professores. Estudos realizados por Freller (2001, p. 132) revelam que a indisciplina é descrita pelos alunos por atitudes como “[...] conversar, mexer-se, falar palavrão, ser agressivo, não usar uniforme, não trazer material, não ter interesse ou compromisso, não ter respeito, não ter educação, responder ao professor, ser agitado [...]”. Parece prevalecer nas definições de indisciplina, pelo discente, aquilo que falta, o negativo, o oposto do que é idealizado e esperado pelos professores.

Nesta perspectiva, que sinaliza estratégias educativas para a compreensão e minimização dos efeitos negativos provenientes da indisciplina, emerge como oportuno a análise feita por Antunes (2002) sobre esse comportamento indesejável, percebido numa parcela significativa de alunos na escola. O autor concebe a indisciplina a partir de três focos: ‘a escola e sua estrutura’, ‘o professor e sua conduta’ e ‘o aluno e a bagunça’. Essa abordagem demanda, ainda que de forma sucinta, uma revisita às formulações teóricas e das reflexões do referido autor, as quais compreendem: 1) *a escola e sua estrutura*: a crítica recai sobre a escola pela falta de clareza das regras disciplinares, da não integralização entre a equipe docente e administrativa, a prevalência da autoridade exercida, bem como a excessiva importância dada à preparação dos alunos para o vestibular, ao em vez de prepará-los para a vida; 2) *o professor e sua conduta*: faz-se necessário que o professor esclareça aos alunos o que lhes será permitido fazer ou não, através de conversas e não do autoritarismo — somado a isso, o professor deverá zelar pelo planejamento de suas aulas visando proporcionar aulas motivadoras e interessantes aos alunos, bem como orientá-los na adoção de postura e organização em classe; 3) *o aluno e a bagunça*: o modo de agir do professor com o aluno possui influências significativas na indisciplina escolar, dentre elas, o autor destaca a importância do professor conversar - olhos nos olhos - com os discentes, procurá-los em suas carteiras ao invés de eles terem que ir até o professor, ter sempre consigo calma, serenidade, alegria e bom-humor, o docente deve saber falar na linguagem dos alunos, deve falar com firmeza, sem raiva, saber elogiar a classe sem exagerar e conhecer a individualidade de cada discente (ANTUNES, 2002, p. 19).

Subvertendo a sensibilização efetivada por estudos produzidos no âmbito acadêmico, que buscam compreender e apontar caminhos para minimizar o fenômeno da indisciplina escolar, parece prevalecer a descrença de muitos docentes, que se mostram vencidos por esta problemática e suas implicações na condução do processo ensino–aprendizagem em sua prática pedagógica cotidiana. Como afirma La Taille *et al.* (2012, p. 57), ao retratar a indisciplina na escola, tem sido recorrente nos depoimentos de professores falas do tipo: “[...] já fiz tudo que era possível, já conversei, dei suspensão, falei com os pais, tirei nota e mesmo assim os alunos continuam com problemas comportamentais [...]”. Em situações de indisciplina, o que o docente deve fazer? Como eliminar a indisciplina na escola?...

A indisciplina, em suas diferentes facetas na escola, parece se manifestar igualmente de diversas maneiras entre os componentes curriculares que estruturam a Educação Básica. Dentre eles, encontra-se a Educação Física. Essa disciplina parece revestir-se de características inerentes a uma especificidade que lhe é muito peculiar. Como afirmam Almeida *et al.* (2011) e Uhlig & Santos (2013), se comparada com os demais componentes curriculares, a Educação Física se configura na escola de maneira diferenciada, haja vista sua especificidade como área do saber que tem como objeto de estudo o movimento humano, sendo este carregado de elementos históricos, éticos, técnicos, políticos, fisiológicos e étnicos que se efetivam em um espaço físico aberto, onde decorrem suas vivências e, com isso, tem-se visível a alegria, a descontração e, acima de tudo, o prazer sentido por uma parcela significativa de alunos no decurso da Educação Básica.

Na tentativa de minimizar o problema da indisciplina, muitos professores assumem atitudes autoritárias e disciplinadoras. Frequentemente, alunos considerados indisciplinados dentro de sala de aula, veem-se impedidos de participar de atividades no pátio, do recreio e, sobretudo, das aulas

de Educação Física (STRAZZCAPPA, 2001). Trata-se de uma situação que, por vezes, ocorre com o respaldo do próprio professor do referido componente curricular, outras, por uma norma da escola sobre a qual o docente, dependendo de sua situação funcional na escola, não tem a oportunidade de se posicionar sobre a situação. Nesse sentido, é comum se ouvir nas salas de aula por professores regentes e/ou de outras disciplinas frases como “Ou vocês ficam quietos ou não vão participar da aula de Educação Física”. Geralmente, durante o período em que esses alunos “infratores” deveriam se encontrar na quadra a participar das práticas corporais propostas pelo professor permanecem na sala de aula redigindo cópias ou tarefas extras de uma dada disciplina. Vale ressaltar que a suspensão pode vigorar durante uma aula ou mais de Educação Física. Isso dependerá da gravidade do ato infracional cometido pelo aluno.

Tal situação apresenta-se como o outro lado da moeda no que se refere à especificidade da Educação Física no âmbito da escola. O fato de esse componente curricular apresentar menor incidência de indisciplina, se comparada aos demais nos segmentos que compõem a Educação Básica, faz com que professores, com formação em outras áreas do conhecimento, interpretem-na de forma equivocada no que se refere a seus objetivos e finalidades, pois, em alguns casos, a disciplina chega a ser percebida como meros momentos recreacionais ou de lazer, em que o aluno se encontra totalmente livre para fazer o que desejar, e não como uma disciplina que possui conteúdos a serem trabalhados (BARBOSA, 2001).

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a criança vivencia momentos em que busca, através das práticas corporais, uma forma de mediação direta com o mundo e com outras crianças, sendo o objetivo principal da Educação Física contribuir para o desenvolvimento de aspectos físicos, sócioemocionais e intelectuais da criança. Portanto, longe de promover unicamente uma conquista cognitiva, estas práticas corporais envolvem emoções, afetividade, estabelecimento e ruptura de laços e compreensão da dinâmica interna que perpassa a ligação entre as pessoas (PAPALIA, 2008). Assim, faz-se necessário que haja uma diversidade de meios que possam auxiliá-la a um crescimento global.

Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi analisar a percepção de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental sobre a suspensão das aulas de Educação Física como forma de punição devido a atitudes indisciplinadas nas aulas de outros componentes curriculares.

Metodologia

Considerando o fenômeno a ser estudado, a trilha científica foi conduzida por meio dos procedimentos metodológicos de um estudo descritivo–exploratório (MARCONI; LAKATOS, 2011; THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012) que se mostrou mais indicado na investigação do problema. Nesta direção, as ciências sociais permitem descobrir e ampliar o conhecimento dos fenômenos de uma realidade social (HOLLINSHEAD, 2006).

O grupo amostral foi constituído de 10 alunos matriculados no 4º ano do Ensino Fundamental, de ambos os sexos (duas meninas e oito meninos), em uma escola da rede pública municipal, localizada na cidade de Ouro Preto–MG. Os critérios de inclusão foram: a assinatura do termo de autorização pelos responsáveis para a participação dos filhos e a seleção de alunos que já foram suspensos das aulas de Educação Física por motivo relacionado a atitudes consideradas indisciplinadas pelo professor e/ou a escola. A opção por este critério, diz respeito ao fato de nessa faixa etária demonstrarem grande receptividade e prazer em participar das aulas de Educação Física, se comparado com alunos que se encontram em outros segmentos da Educação Básica (DARIDO, 2001). Outra razão se deu em decorrência de esses alunos permanecerem sob a responsabilidade de um(a) professor(a)-regente a maior parte do período que compreende a carga horária semanal na escola. Os critérios de exclusão foram a recusa da participação na entrevista pelo sujeito e a não autorização dos responsáveis pelos alunos para que as entrevistas fossem gravadas.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, conduzida e fundamentada nos estudos de Spradley (1979), que assinala a entrevista com

características etnográficas como sendo um evento discursivo, o qual, por sua vez, pode ser descrito pelo modo de conduzir alguns diálogos em ocasiões ou encontros sociais. Nessa perspectiva, o autor entende as entrevistas como uma série de conversações entre amigos, dentro das quais o pesquisador suavemente introduz novos elementos para ajudar os informantes a responder como informantes.

Como parte integrante do procedimento adotado para a coleta de dados, primeiro foi estabelecido um contato com a escola para informá-la sobre os objetivos da pesquisa e solicitar autorização para coleta de dados. Foi enviado aos responsáveis pelos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a autorização, as entrevistas foram agendadas previamente e realizadas dentro da própria escola, no período de novembro a dezembro de 2013. As entrevistas foram gravadas no aparelho IPAD I, através do programa Audio Memos[®].

Foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo que, de acordo com Bardin (2009), refere-se a um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Após análise interpretativa dos dados, estes foram categorizados e quantificados a partir da frequência de ocorrência. Para resguardar a identidade dos sujeitos da pesquisa, optou-se por utilizar na sessão ‘resultados e discussão’ a designação de Aluno 1, Aluno 2 e assim sucessivamente.

No decorrer do processo de condução da presente pesquisa, foram respeitadas as diretrizes regulamentadas pela Resolução n.º 466/12 da CONEP, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Ouro Preto, com o registro de número CAAE: 17144713.3.0000.5150, em 05 de Setembro de 2013.

Resultados e Discussões

Ao considerar a quase prevalência do gênero masculino entre a amostra analisada neste estudo, poderia questionar se seria a indisciplina escolar um fenômeno comportamental relacionado à questão de gênero? Em um estudo realizado por Moreira & Santos (2002), que buscou relacionar indisciplina e gênero na escola, foi evidenciado que as escolas dispõem tratamento diferenciado para os padrões de comportamento entre meninas e meninos. O estudo revelou que os professores tendem a ser mais amistosos com as meninas do que com os meninos. Estudos de Scott (1990) e Louro (1997), citados em Moreira & Santos (2002), também verificaram que existem diferenças de comportamentos e atitudes entre os gêneros e esses comportamentos são associados a questões de indisciplina. Nesses estudos, discutiu-se a padronização dos papéis e comportamentos do homem e da mulher que são julgados adequados diante da Sociedade.

Os resultados do presente estudo mostram que a Educação Física é fortemente apreciada pelos alunos, pois 80% deles afirmaram gostar dessa disciplina. Nessa mesma direção, Darido (2004) identificou a Educação Física como a disciplina que os alunos mais gostavam, destacando aqueles que se encontravam no 5º ano, quando comparados com os segmentos subsequentes que compõem a Educação Básica. Estudos realizados por Hanauer (2013) e Cruz & Fiamenghi Júnior (2010) relacionaram tal sentimento a fatores como momentos que favorecem maior integração social e afetiva, onde se misturam diferentes formas de agir e pensar. Somado a isso, tem-se que o relacionamento que geralmente se estabelece entre professor e aluno se diferencia pelo fato de uma proximidade maior e uma relação de amizade, se comparado com ao que acontece em outras disciplinas (RANGEL–BETTI, 1992).

A partir deste resultado, pode-se inferir que a Educação Física possui potencial de oportunizar, no ambiente da escola, momentos de alegria e de descontração a essa faixa etária, além de lhes propiciar oportunidades de conhecer suas limitações e superá-las, reconhecer suas potencialidades, aprender a conviver consigo e com os outros, conhecer o seu corpo, ter conhecimento sobre si e sobre o mundo, estimular a curiosidade, trabalhar em equipe, dentre outros

aspectos. Uma vez articulada ao projeto político-pedagógico da escola e pensada e gestada na coletividade, a Educação Física pode se configurar numa oportunidade de se trabalhar valores pela disciplina e disseminar o máximo de conteúdo possível nas aulas, buscando assim alcançar os objetivos dessa disciplina (SOUSA *et al.*, 2007).

Quando buscou conhecer se os alunos participavam regularmente das aulas, uma parcela significativa (70%) relatou que nem sempre participava. A explicação para a não participação está relacionada à suspensão da participação por motivos considerados indisciplinados pelos professores regentes. Os motivos destacados pelos alunos foram “fazer bagunça”, “não fazer dever”, “esquecer os livros em casa”, e “bater no colega”.

Buscando identificar a incidência da suspensão das aulas de Educação Física, a maioria dos participantes (85%) alegou reincidências no tipo de punição, e sempre pelos mesmos motivos. Este resultado fornece elementos para se refletir sobre a eficácia dessa estratégia coercitiva para minimizar ou mesmo erradicar comportamentos não desejáveis, considerados como indisciplina pela escola. Trata-se de uma medida que se contrapõe ao que recomenda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96), Artigo 26, em que estabelece não somente a obrigatoriedade do oferecimento, como ainda que a Educação Física se configura um direito do aluno. Além do aspecto legal dessa medida adotada pela escola, os alunos que não participam das aulas de Educação Física perdem belas oportunidades de conhecimento da cultura corporal e eleva as chances de se tornarem não adeptos à atividade física (DARIDO, 2004).

No que se refere ao sentimento experimentado quando são impedidos de participar das aulas, os relatos apontam sentimentos diferenciados. Uma pequena parcela (10%) relatou sentir raiva e os participantes verbalizaram esse sentimento por meio da expressão “fico nervoso”. Outros 50% responderam que ficam chateados ou tristes quando são suspensos das aulas de Educação Física. Essa situação, somada às reincidências, pode estar contribuindo de forma a aumentar e reforçar atitudes consideradas indisciplina por parte desses alunos. Nesta perspectiva, Cruz & Fiamenghi Junior (2010) revelam que nessa faixa etária os alunos costumam demonstrar reações de ansiedade nos momentos que antecedem as aulas de Educação Física. Essa condição se deve, em sua maioria, pela expectativa que se cria nos alunos sobre as atividades que serão desenvolvidas durante a aula. Trata-se de uma situação complexa, na qual a criança não concretiza tal expectativa, vendo-se impedido de participar juntamente com seus pares da aula de Educação Física.

Por fim, 40% dos entrevistados se mostraram indiferentes ao fato de serem impedidos de participar das aulas quando cometem algum ato considerado infracional. Esses alunos julgaram se merecedores desse tipo de punição, como mostram alguns relatos. “[...] se fiquei sem participar das aulas foi porque dei motivos [...]” (Aluno 1). “[...] me sinto normal, pois sei que os professores estão certos, sei que fiz errado” (Aluno 2). “[...] não ligo porque uma vez ou outra não tem problema” (Aluno 3). Essa parcela de alunos acredita que a suspensão das aulas justifica-se, uma vez que deixaram de fazer o “dever de casa” e/ou fizeram “bagunça em sala de aula”. Vale ressaltar que, ainda que tenham demonstrado ter ciência de que agiram erroneamente — comportamentos considerados indisciplina pelo professor e/ou pela escola — os alunos mantiveram-se reincidentes. Isso leva a pensar que a erradicação de tais atos se encontram distantes de acontecer apenas punindo com a suspensão das aulas de Educação Física.

Desse percentual que se mostrou indiferente ao fato de ser impedido de participar das aulas, chama a atenção o relato a seguir. “[...] normal, porque tinha várias pessoas na sala também, e eu prefiro ficar na sala desenhado e também porque, na Educação Física, só me colocam no gol e eu não gosto” (Aluno 4). O depoimento desse aluno encontra-se perpassado por falta de motivação em participar das aulas de Educação Física por ter sempre que executar a mesma atividade. Trata-se de uma evidência sobre a importância de se propor atividades diversificadas, motivadoras e que possibilitem ao aluno vivenciar e experimentar diferentes situações em uma prática corporal. Em seu relato, o participante do estudo afirmava, ainda, não ficar sozinho na sala de aula se se encontrava sempre em companhia de outros colegas, que provavelmente tiveram seu direito de

participar das aulas de Educação Física suprimido. Assim, desenhar com os amigos se tornou mais interessante do que a aula de Educação Física.

Tem-se daí, que, por vezes, a suspensão das aulas não é percebida pelo aluno como uma punição, castigo, ou algo desvantajoso. Em situações como a relatada, pode ser até encarado como uma vantagem. Por outro lado, o fato de essa parcela de entrevistados mostrarem-se indiferentes a suspensão das aulas fornece indícios de uma possível desvalorização da disciplina e o desconhecimento dos discentes de seu direito em participar. Ora, se o professor de Educação Física resolvesse suspender um aluno das aulas de Matemática porque tal aluno não se comportou bem durante as atividades da aula de Educação Física, o que diria a direção da escola? E os pais dessa criança? E o próprio aluno? Provavelmente, este professor estaria sujeito a sofrer sanções por parte da escola e familiares do aluno em questão. No entanto, tendo em vista a escola considerada para o presente estudo, a suspensão de alunos das aulas de Educação Física tem-se configurado em uma estratégia rotineira e comum. O que, infelizmente, por sua vez, já não causa nenhum tipo de estranhamento, nem mesmo por parte dos alunos.

Assim, buscou-se conhecer a importância atribuída à Educação Física por esses alunos. Pela frequência nas respostas, ficou perceptível a hierarquização das disciplinas. Dentre elas, Matemática e Português foram as matérias mais citadas pelos alunos como sendo consideradas mais importantes, como se vê na fala do Aluno 3: “[...] Português, Matemática e Ensino Religioso. Porque o Português é para melhorar nosso vocabulário, a Matemática porque aprendemos a fazer cálculos melhores que antes e o Ensino Religioso porque ensina a não ter violência e a respeitar as outras religiões [...]”.

Na sequência, História e Ciências, Geografia, e ocupando as últimas posições, Ensino Religioso e Artes. Isso pode ser visto no depoimento do Aluno 5: “[...] História, porque aprendemos sobre as histórias do que já aconteceu, Matemática porque quando a gente cresce precisa usar, e Português porque ele nos ensina a saber o significado das palavras [...]”, e do Aluno 7: “[...] Português e História. Português porque ensina o pretérito, História porque ensina o que já aconteceu e o que ainda vai acontecer [...]”. Nessa escala hierárquica, chama a atenção o fato de a Educação Física sequer ter sido mencionada pelos alunos.

Na percepção discente, as disciplinas consideradas mais importantes são aquelas que eles acreditam que vão utilizar na vida adulta e as que lhes ensinam algo, como: fazer contas, falar melhor, história do passado, etc. Nessa perspectiva, os alunos não percebem empregabilidade naquilo que eles vivenciam nas aulas de Educação Física. Em um estudo realizado por Rangel–Betti (1992), o autor afirmou que os alunos enxergam a Educação Física como diversão, ou simplesmente como uma atividade recreativa. Outros fatores que podem estar relacionados a essa percepção que os alunos têm da Educação Física é a desproporção na distribuição da carga horária entre as disciplinas no currículo, a exemplo de Português e Matemática, e a não cobrança dos conteúdos de Educação Física nos vestibulares, o que pode justificar sua desvalorização escolar. Soma-se a esses fatores a postura do professor de Educação Física em sua prática pedagógica cotidiana. É papel do professor esclarecer aos alunos a importância dos conteúdos da Educação Física na sua formação, enfatizando no trato das diferentes práticas corporais as dimensões conceituais, atitudinais, na mesma proporção da procedimental (DARIDO; RANGEL, 2005; SOUSA; BRANDAO; TEIXEIRA; ALVES, 2007).

Considerações Finais

Diante dos resultados e constatações obtidas, nesta investigação, e considerando as suas limitações metodológicas, a partir da percepção de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental que foram suspensos das aulas de Educação Física, é possível afirmar o desencadeamento de formas diferenciadas de reações. Uma parcela sente-se merecedora de tal forma de punição, uma vez que não se ‘comportou bem’, ou infringiu normas estabelecidas pela escola, ou ainda, aquelas combinadas com o professor regente na sala de aula. Já outros alunos deixaram transparecer em

seus depoimentos gosto em permanecer na sala com outros colegas, que se encontravam na mesma situação, a realizarem tarefas de outros conteúdos e mesmo a desenhar. Foram detectados, ainda, sentimentos como raiva, insatisfação, tristeza e até indiferença, em decorrência de serem impedidos de participar das aulas.

Embora o interesse e o prazer na participação das aulas de Educação Física costume ser uma constante entre alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os resultados mostraram que a Educação Física é percebida pelos alunos, ainda, como meros momentos de diversão e compartilhamento entre os seus pares, por meio de vivências nas práticas corporais de movimento. Haja vista que a noção de importância de uma disciplina relaciona-se diretamente com a aplicabilidade de seus conteúdos no processo de formação, como ocorre com Matemática, Português, Geografia e outras que compõem o currículo básico. Trata-se de um desafio em que o professor de Educação Física exerce importante papel. Nessa perspectiva, é vital que o professor busque contextualizar os conteúdos da Educação Física em favor da aprendizagem, evidenciando as finalidades e os objetivos da Educação Física na escola.

Reconhecidamente, a indisciplina configura-se como um problema altamente prejudicial ao planejamento docente, pois os professores perdem muito tempo tentando restabelecer a ordem entre os alunos e, portanto, esta se coloca como uma questão a ser resolvida na escola. No entanto, os resultados encontrados neste estudo mostraram a ineficácia da estratégia de suspensão das aulas, haja vista a constante reincidência tanto dos alunos quanto dos atos infracionais cometidos. Estratégia essa que, ainda que surtisse os efeitos desejados pelos professores regentes que a aplicam, não encontra amparo legal. Pois, ao impedir o aluno de participar das aulas de Educação Física, a escola o está privando de um direito. Assim, tem-se que a busca por outras estratégias, visando minimizar a indisciplina, demanda avanços no que se refere à eficácia dessa estratégia na escola. Para tanto, faz-se necessário a consideração, e, por conseguinte, a valorização, da Educação Física como componente curricular que possui finalidades e objetivos no processo de formação do aluno no decurso da Educação Básica.

Acredita-se que a Educação Física tem muito a contribuir com a escola no trato com a indisciplina. Visto que é um componente curricular que, pela própria especificidade, poderá possibilitar inúmeras formas de se trabalhar em caráter interdisciplinar a indisciplina na escola.

SUSPENSION OF PHYSICAL EDUCATION CLASSES AS A MEANS OF PUNISHMENT: THE STUDENTS' PERCEPTION

Abstract:

The study analyzed the perception of students in the 4th grade of elementary school who experienced suspension from Physical Education classes due to misbehavior in classes of other disciplines. From a descriptive and qualitative field research, it was found that students demonstrate unawareness about the importance of Physical Education in their schooling. Among the reasons highlighted by students as disciplinary behavior, it was emphasized "making a mess"; "don't do homework"; "forget the books at home"; and "hitting the colleague". The strategy of suspending classes of Physical Education was found ineffective, considering the great number of recurrences of both students and infraction acts committed.

Keywords: School indiscipline. Suspension of classes. Physical Education.

SUSPENSIÓN DE CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA COMO MEDIO DE CASTIGO: LA PERCEPCIÓN DISCENTE

Resumen:

El estudio analizó la percepción de alumnos del 4º año de la Enseñanza Fundamental que experimentaron situaciones de interrupción de la Educación Física debido de actitud disciplinar en las clases de otros componentes del plan de estudios. A partir de una investigación de campo,

descriptivo y cualitativo, se encontró que los estudiantes demuestran desconocimiento sobre la importancia de la Educación Física en su formación. Entre las razones señaladas por los estudiantes como comportamiento indisciplinar, destacaron "hacer un desastre"; "no hacer las tareas"; "olvidar los libros en el hogar"; y "golpear al prójimo". La estrategia de la suspensión de las clases de Educación Física como castigo fue ineficaz, ya que un gran número de recurrencia tanto de los estudiantes cuanto de los delitos cometidos.

Palabras clave: Indisciplina escolar. Suspensión de clases. Educación Física.

Referências

ALMEIDA *et al.* Percepção Discente sobre a Educação Física Escolar e Motivos que levam à sua Prática. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 109–116, out. 2011.

ANTUNES, C. **Professor Bonzinho = Aluno Difícil**. A questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARBOSA, C. L. A. Situando a Educação Física no Contexto Escolar. In: _____. **Educação Física Escolar as Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001a. p. 21–39.

BARBOSA, C. L. A. A Análise do Discurso da Educação Física Escolar. In: _____. **Educação Física Escolar as Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001b. p. 81–90.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRITO, C. A Indisciplina Escolar na Atualidade. In: _____. (org.). **Indisciplina Escolar: antigo problema, novas discussões**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

BRITO, C. **Indisciplina Escolar: antigo problema, novas discussões**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

CRUZ, E. O.; FIAMENGGHI JUNIOR, G. A. O Significado das Aulas de Educação Física para Adolescentes. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 425–431, abr. 2010.

DARIDO, S. C. A Educação Física na Escola e o Processo de Formação dos não Praticantes de Atividade Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61–80, jan.2004.

_____. Educação Física de 1ª a 4ª Série: quadro atual e as implicações para a formação profissional em Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 61–72, out. 2001.

_____; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FRELLER, C. C. **Histórias de Indisciplina Escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GROSS, I. A Influência de Expressão Cultural na Produção da Indisciplina Escolar. In: BRITO, C. (org.) **Indisciplina Escolar**: antigo problema, novas discussões. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2012. p. 85–103.

HANAUER, F. C. Fatores que Influenciam na Motivação dos Alunos para Participar das Aulas de Educação Física. 2013. Disponível em: <<http://www.seifai.edu.br/artigos/Fernando-MotivacaonasaulasdeEdFisica.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

HOLLINSHEAD, K. The Shift to Constructivism in Social Inquiry: some pointers for Tourism Studies. **Tourism Recreation Research**, v. 31, n. 2, p. 43–58, 2006.

LA TAILLE, Y.; JUSTO, J. S.; SILVA, N. P. **Indisciplina e Disciplina**: ética, moral e ação do professor. Porto Alegre: Mediação Editora, 2012.

LIMA, P. G. A indisciplina na Escola. **Educere et Educare**, Paraná, v. 4, n. 8, p. 323–327, jul. 2009.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2011.

MOREIRA, M. F. S.; SANTOS, L. P. Indisciplina na Escola: uma questão de gênero? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 3, p. 141–160, 2002. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/2151/1776>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PAPALIA, D.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. 10. ed. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RANGEL–BETTI, I. C. Educação Física Escolar: olhares sobre o tempo. **Revista Motriz**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 37–39, jun. 2003.

RANGEL–BETTI, I. C. **O Prazer em Aula de Educação Física Escolar**: a perspectiva discente. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Unicamp, Campinas, 1992.

SOUSA, E. S. *et al.* **Educação Física – Proposta Curricular – Ensino Fundamental e Médio**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2007.

SPRADLEY, J. P. **The Ethnographic Interview**. Florida: Harcourt Brace Jovanovich, 1979.

STRAZZCAPPÀ, M. A Educação e a Fábrica de Corpos: a dança na escola. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 21, n. 53, abr. 2001.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

UHLIG, J. M.; SANTOS, S. L. C. **Vencendo a Indisciplina por meio dos Jogos Cooperativos**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1798-8.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

Recebido em: 03/07/2014
Revisado em: 08/09/2014
Aprovado em: 20/11/2014

Endereço para Correspondência:

Emerson Cruz Oliveira
emerson@cedufop.ufop.br
Centro Desportivo da UFOP, Rua Dois, n. 110
Campus Universitário — Ginásio de Esportes
35 400-000 — Ouro Preto—MG — Brasil